

que se foram formando com o passar do tempo.

O transporte, que se fazia por carretas, e por balsas quando da travessia por rios, é mostrado com ênfase nas fotografias. Destas se utilizaram os autores, fartamente, na elaboração do trabalho. Trata-se de fotografias da época, de alto valor para o estudo da imigração italiana no Rio Grande do Sul, sendo que várias delas pertencem ao arquivo de Rovilio Costa, um dos autores.

Sendo o texto bilíngüe, português/inglês, e muito bem ilustrado, faz com que o livro *Far la Mérica* atraia os estudiosos da imigração italiana, sejam eles fluentes na língua portuguesa ou na inglesa, o que, sem dúvida, permite ao livro abranger um público bastante grande, interessado no assunto.

Lucy Maffei Hutter

*Fundadores da Modernidade*. Irleamar Chiampi (coord.) São Paulo, Ática, 1991, 222p.

O volume coordenado pela Profa. Irleamar Chiampi, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, reúne valiosa documentação. São textos, literários ou não, do século XIX - ensaios, cartas, prefácios, notas, comentários, fragmentos de romances etc - traduzidos diretamente das línguas em que foram escritos. Trabalho voltado exclusivamente para as literaturas estrangeiras contribui para o estudo de nossa literatura.

A edição é fruto do trabalho conjunto de Irleamar com professores e alunos dos cursos de pós-graduação de alemão, inglês, francês, italiano, russo e espanhol da FFLCH/USP. Foram eles os tradutores dos textos.

O propósito da coletânea é oferecer a "*gênese da idéia da arte e literatura moderna pela palavra dos seus próprios fundadores*". Os textos, organizados cronologicamente em seis capítulos - estes com pequena introdução - estão divididos de acordo com a nacionalidade de seus autores. Abordam tópicos os mais variados, todos eles referentes ao que hoje se entende por modernidade: momentos de cisão e ruptura, de conflitos e tensões.

Em Büchner, Schlegel, Novalis e Nietzsche, os textos escolhidos visam refutar a idéia de obra literária como "*construção fechada*". A "*estratégia da brevidade*" de Tchekhov, expressa nas cartas, encontra, nesse ponto, ressonância.

Deve-se ainda apontar para a importância da não-seriedade, haja visto a conceituação de Schlegel e Novalis para o chiste e a ironia; o estilo humorístico, quase non-sense de Ruben Darío e o relato de Coleridge, com "*toques de ironia e humor*", na *Biografia Literária*. Essas manifestações, ao lado de outras como a blague e a paródia, aparecerão significativamente nas produções artístico-literárias das vanguardas, nas primeiras décadas do século XX.

Outra maneira de criticar as regras e imposições de ordem artística ou social, como o utilitarismo que o capitalismo recém-instituiu, é a integração da poesia à filosofia, *lato sensu* da "*imaginação à razão*", gerando, por exemplo, a divinização da linguagem metafórica, "*verdadeira substituta dos mitos*".

Nesse sentido é que podemos compreender as novas funções atribuídas

ao poeta no século XIX: por um lado, a de legislador/profeta, nas palavras de Shelley; a de intérprete/“representante dos homens” para Emerson; ou a de poeta visionário para Rimbaud. Por outro, o papel do poeta enganador/fingidor, que “busca não a verdade, mas a semelhança da verdade”, segundo Leopardi, visão similar àquela de Bécquer e Wilde que condena, de modo mais incisivo, a arte mimética, tanto quanto Yeats.

Observamos nesses últimos “uma percepção, cada vez mais acentuada, da autonomia do estético”; daí, o crescente “apego” à forma, ou, mais precisamente, ao “poema per se”, de que nos fala Poe, aquele que não tem por fim expressar uma verdade, um princípio moral. Que se compromete apenas com a linguagem poética.

O privilegiar da forma, em especial nos textos de Mallarmé e Blanco White e na crítica de De Sanctis, encontra razão de ser na própria percepção do efêmero. Beaudelaire em “O pintor da vida moderna”, ensaio publicado em 1863, oportunamente define os “novos tempos”: “A modernidade é o transitório, o fugaz, o contingente, a metade da arte, cuja metade restante é eterna e imutável” (p. 109). José Martí, por sua vez, em “Prólogo ao Poema do Niágara”, 1882, declara: “E há agora como um desmembramento da mente humana. Outros foram os tempos dos valados erguidos; este é o tempo dos valados derruídos” (p. 199). Já Tolstoi, em 1909, preocupa-se com a qualidade em função do conteúdo em “O que é a arte?”.

Todos esses pontos, além de outros, são suscitados por esses autores, bem como por Mathew Arnold, Alessandro Manzoni, Giovanni Berchet, Manuel Gutiérrez Nájera, José Enrique Rodó e José Assuncion Silva, cujos textos podemos ler também nessa coletânea.

Vale ressaltar que o fato de o volume dedicar-se somente ao fenômeno literário da modernidade não exclui as inúmeras reflexões e questionamentos envolvendo a arte moderna, de um modo geral. A capa de *Fundadores da Modernidade*, elaborada por Ettore Bottini, não negligencia, aliás, tal possibilidade: os nomes, lançados ao acaso, como em um “*coup des dês*”, confundem-se ao tabuleiro-suporte que nos lembra as composições cubistas de Picasso ou Braque.

Enfim, os leitores poderão, através do contato com essas fontes, estabelecer relações, detectar paradoxos, elaborar, descobrir, indagar, solucionar, divergir das muitas idéias que ali estão. Fica, ademais, o estímulo a trabalhos de tipo documental e de recuperação, além do mérito das boas traduções.

Vera Lúcia Natale

KOPPEL, Sussane - *Biblioteca Brasileira da Robert Bosh GmbH*: catálogo organizado por Sussane Koppel; introdução de Hanno Beck; tradução de Rosemarie Erika Horch. Rio de Janeiro, Livr. Kosmos Ed., 1992. 516p. il. col.

Justamente neste ano de 1992, em que se comemora o V Centenário da chegada de Cristóvão Colombo ao Continente Americano, a Livraria Kosmos lança, em português, um volume precioso: o Catálogo da Biblioteca Brasileira